



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

IZANETE MARIA DE OLIVEIRA SILVA

**O FACEBOOK COMO FERRAMENTA DIDÁTICO – PEDAGÓGICA: UM ESTUDO
DE CASO NA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA**

Campina Grande - PB
2014

IZANETE MARIA DE OLIVEIRA SILVA

**O FACEBOOK COMO FERRAMENTA DIDÁTICO – PEDAGÓGICA: UM ESTUDO
DE CASO NA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como trabalho de conclusão de curso.

Orientadora: Prof^ª. Msc. Maria do Socorro Tomaz Palitó Santos

Campina Grande - PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586f Silva, Izanete Maria de Oliveira
Facebook como ferramenta didático - pedagógica
[manuscrito] : um estudo de caso na disciplina de sociologia /
Izanete Maria de Oliveira Silva. - 2014.
42 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, 2014.

"Orientação: Prof^ª. Maria do Socorro Tomaz Palitô Santos, Departamento de Jornalismo".

1. Rede social. 2. Facebook. 3. Aprendizagem I. Título.

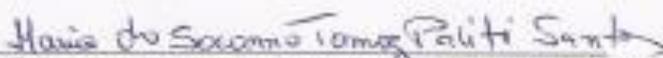
21. ed. CDD 371.33

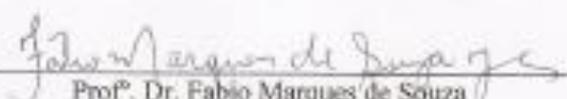
IZANETE MARIA DE OLIVEIRA SILVA

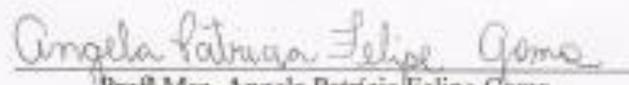
O FACEBOOK COMO FERRAMENTA DIDÁTICO – PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO NA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviços Públicos do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 06/12/2014.


Prof.ª Msc. Maria do Socorro Tomaz Paliti Santos /UEPB
Orientadora


Prof.ª Dr. Fabio Marques de Souza
/UEPB
Examinador


Prof.ª Msc. Angela Patricia Felipe Gama
/UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, ao meu esposo Humberto Batista de Lima e aos meus filhos Max Fernando de Lima, Petrus Silva de Lima e Elisa Silva de Lima, que compartilharam todo processo construtivo do mesmo, assim como todo o meu desempenho ao longo da especialização, apoiando-me e ajudando sempre que possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela saúde, força e coragem durante toda esta caminhada, pois sem ele nada eu poderia fazer.

À minha família que compreensivamente me apoiaram e me deram total liberdade para completar mais essa etapa de minha vida.

À professora Mc. Maria do Socorro Palitó, pela paciência e auxílio presentes na orientação, tornando possível a conclusão desta monografia.

Agradeço a coordenação do curso e a todos os professores que foram de grande importância nessa etapa da minha vida acadêmica e profissional.

Aos professores e alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joana Emília da Silva.

Aos amigos e colegas pelo apoio constantes, em especial a José Wellington Farias da Silva e Karla Almeida pela ajuda e companheirismo durante todo o curso.

“Somente os prazeres pequenos e imediatos são preguiçosos. Dos grandes prazeres nasce o trabalho e a disciplina, porque eles só podem ser encontrados ao fim de um árduo caminho”.

Rubem Alves

RESUMO

SILVA, Izanete Maria de Oliveira. **O Facebook como ferramenta didático- pedagógica: um estudo de caso na disciplina de Sociologia**. Campina Grande, UEPB, 2014, 47 p. (Monografia para Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares).

O presente trabalho tem como objeto um estudo de caso sobre a rede social Facebook como ferramenta didático-pedagógica na disciplina de Sociologia. Entendendo que as novas tecnologias representam novas possibilidades de aprendizagem, as redes sociais oferecem novos espaços que ultrapassam os muros da escola. Desenvolve-se a partir da observação da relação entre o espaço virtual das redes sociais e o cotidiano dos alunos. Apresenta como objetivo principal, analisar a importância do Facebook na construção de um pensamento crítico e reflexivo, verificando os efeitos sociointerativos produzidos pelo uso do mesmo no processo de ensino e aprendizagem. Assim, a pesquisa justifica-se, pois, as redes sociais fazem parte da vivência dos alunos e contribuem para que as relações se construam e se fortaleçam; como também pode caracterizar-se em um processo de exclusão virtual, uma vez que, nem todos os alunos têm acesso à internet, além de enfrentar muitas vezes situações de resistência, devido ao modelo de escolarização que determina práticas pedagógicas rígidas e fechadas às práticas inovadoras. A metodologia foi definida tomando como pressupostos a problematização, os objetivos, a contextualização e o suporte teórico levantado. A pesquisa, portanto, refere-se a um estudo qualitativo do tipo estudo de caso. Sendo a escola uma instituição indispensável ao processo de formação social, torna-se fundamental pensar e agir em favor de uma aprendizagem significativa que se utilize do espaço virtual para construir novas propostas de ensino e aprendizagem. Dessa forma, a educação, deve, proporcionar ao indivíduo liberdade e a possibilidade de uma aprendizagem colaborativa que valorize as relações, as subjetividades e a formação humana integral. A rede, portanto, muito mais que um espaço de lazer e entretenimento, é também um espaço onde as ideias se confrontam, a liberdade de expressão se efetiva e as mais diferenciadas relações emergem.

Palavras-chave: Rede social; Facebook; Aprendizagem

ABSTRACT

The present work has as object of study the social network Facebook and the new possibilities in the process of teaching and learning. It develops from the relationship between the virtual space of social networks and its democratization in contemporary educational practice. Presents as main objective, to analyze the importance of Facebook in the construction of a critical and reflective thinking, checking the socio-interactive effects produced by it in teaching and learning process. Thus, the research is justified, because social networks are present in the daily life of the students, contributing to build and to make relationships stronger; it can also be characterised as an exclusion process because not all students have access to the internet. The methodology was defined by the questioning assumptions, goals, the contextualization and theoretical support raised. The research therefore refers to a qualitative study of case study type. Being the school an institution indispensable to the process of social formation, it becomes essential to think and act in favour of a meaningful learning and the use of virtual space to build new proposals for teaching and learning. This way, education, in fact, provides the individual freedom and the possibility of a collaborative learning that values relationships and integral human formation. In contemporary times, many students are connected with the information. The network, therefore, much more than an entertainment space, is also a space where ideas clash, freedom of expression becomes effective and the more differentiated relationships emerge.

Keywords: Social Network; Facebook; Learning

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Postagem do professor no Grupo Aula de Sociologia.....	29
Figura 2: Postagem dos alunos no Grupo Aula de Sociologia.....	31

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1: Você tem conta no Facebook?	34
Gráfico 2: Você considera importante a utilização do Facebook pelo professor como instrumento de interação?	35
Gráfico 3: Quantas vezes por dia você utiliza o Facebook?	36
Gráfico 4: Você participa do grupo do Facebook da disciplina de sociologia?	37
Gráfico 5: Quando você acessa o Facebook do grupo você costuma	38
Tabela 1: O que você acha do uso do Facebook como recurso pedagógico da disciplina de Sociologia?	39

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

EAD - Educação a Distância

Educom - Educação e Computador

Finep - Financiadora de Estudos e Projetos

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

Mec - Ministério de Educação e Cultura

p. - Página

PAR - Programa de Ações Articuladas

Proinfo - Programa Nacional de Tecnologia Educacional

Proninfe – Programa Nacional de Informática Educativa

SEI - Secretaria Especial de Informática

TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação

Unicamp - Universidade Estadual de Campinas

Web 2.0 - Rede

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 TECNOLOGIA: uma inovação na aprendizagem	16
2.1 A Internet como novo espaço de aprendizagem	16
2.2 Educação e novas tecnologias; TICs	18
2.3 Formação dos professores em novas tecnologias	21
2.4 Os jovens e as novas tecnologias	24
2.5 A redes sociais e o uso do facebook como ferramenta didático pedagógica	26
2.6 O Facebook como ferramenta didático pedagógica	28
3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS	33
3.1 Contexto da pesquisa	33
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	34
4.1 Conta no Facebook	34
4.2 Importância do Facebook como instrumento de interação	35
4.3 Tempo gasto no Facebook	36
4.4 Motivação para o uso do Facebook	36
4.5 Participação no grupo	37
4.6 Tipo de participação no grupo “Aula de Sociologia”	38
4.7 O Facebook como recurso pedagógico	38
4.8 Pontos positivos e negativos do uso do Facebook	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário I

1 INTRODUÇÃO

A presença da tecnologia no ambiente escolar tem se intensificado a cada dia, portanto, torna-se relevante aprofundar os estudos sobre: *O uso do facebook como ferramenta pedagógica na disciplina de Sociologia*. A apropriação das mais variadas tecnologias implica não só aprendizagem e convívio social, mas a apreensão de novos horizontes que dependem da frequência com que se usa essas tecnologias. Dentro desse contexto, podemos perceber que as redes sociais ocupam um espaço significativo, porque, se torna num ambiente marcado pela não espacialidade, porém permeado de intercruzamentos de relações e interações e se configura como uma nova alternativa na construção do conhecimento.

Segundo Recuero (2009, p.22) “estudar redes sociais, portanto, é estudar os padrões de conexões expressos no ciberespaço”. Portanto, pensar nas possibilidades de uso das redes sociais na educação é entender, a priori, que esses usos pressupõem das características básicas das mesmas: a comunicação e a interação social.

Sobre as possibilidades do facebook, destaca Amante (2014, p. 40)

O Facebook permite a autoexpressão através do perfil, ao mesmo tempo em que favorece múltiplas oportunidades para compartilhar informações sobre a própria cultura, gostos, redes de amizade, filiação política, e outros aspectos que contribuem para a construção quer da identidade, quer das relações com os outros, desempenhando um papel importante em manter e desenvolver o capital social, podendo ainda ter reflexos nos contextos educacionais, independentemente da utilização específica destas ferramentas como espaços de aprendizagem formal.

Tendo em vista que as redes sociais são um espaço constante no cotidiano dos alunos, de forma que as relações se constroem e se reconstroem, até que ponto o uso dessa ferramenta pode contribuir para uma discussão crítica, interativa e significativa de temas sociais na disciplina de Sociologia? O fato de perceber o uso constante do Facebook pelos alunos com pouco conteúdo me incomodou e a partir daí surgiu a ideia de utilizá-lo como ferramenta para discutir temas sociais. .

Compreendendo que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) oferecem recursos para o enriquecimento de aplicações e processos na área da educação em conjunto com a educação formal, refletir sobre o uso do facebook como ferramenta inovadora de aprendizagem, nos permite uma nova visão de educação e através de interações traçar

interpretações que nos levará a problematizar o uso e eficácia dessas novas ferramentas no processo ensino aprendizagem.

Sobre essas novas formas de aprendizagem Serafim *et al* (2011), destacam que a integração da escola com a experiência multimídia, segundo estudos, tem possibilitado que as habilidades cognitivas se tornem dinâmicas e amplas, porque, envolve variedades de objetos e sujeitos com os quais se pode interagir, extensão da memória, ação em rede, democratização de espaços e subsídios para uma relação colaborativa que envolve docentes e discentes.

A escola para fazer cumprir sua responsabilidade social de educar e formar os novos cidadãos precisa contar com professores que estejam dispostos a captar, a entender e a utilizar as novas linguagens dos meios de informação e comunicação a serviço de sua prática pedagógica que deve ser compreendida como uma forma específica de práxis, portanto, prática social que envolve teoria e prática, própria da prática educativa. [...] Assim, entende-se que a sala de aula não é o único lugar onde ocorre a aprendizagem e que a comunicação pode proporcionar, através de variados meios, a formação de diferentes ambientes de aprendizagem e uma maior participação dos alunos nas relações de ensino. (SERAFIM *et al*, 2011 p. 24).

Para isso, pretendo discutir sobre a presença das redes sociais no cotidiano dos alunos refletindo sobre a importância do facebook na construção de um pensamento crítico, assim como, verificando os efeitos sociointeracionistas produzidos pelo uso do mesmo no processo ensino e aprendizagem.

2 TECNOLOGIA: uma inovação na aprendizagem

2.1 A Internet como novo espaço de aprendizagem

As tecnologias de comunicação foram se inovando com o passar do tempo. O acesso às informações se tornou cada vez mais rápida e as redes de relações mais amplas. Com o advento da internet pudemos ver o encurtamento do mundo e conseqüentemente das fronteiras. A internet proporcionou uma nova maneira de ver o mundo e lidar com suas múltiplas realidades. Um dos grandes avanços foi a comunicação em tempo real, assim como, a captação da realidade.

Segundo Kenski (2007, p. 33):

Uma imensa e complexa rede e meios de comunicação, instalada em quase todos os países do mundo, interliga pessoas e organizações permanentemente. Um único e principal fenômeno tecnológico, a internet, possibilita a comunicação entre pessoas para os mais diferenciados fins: fazer negócios, trocar informações e experiências, aprender juntas, desenvolver pesquisas e projetos, namorar, jogar, conversar, enfim, viver novas vidas, que podem ser partilhadas em pequenos grupos ou comunidades, virtuais.

Diante desse contexto, a escola ganha uma nova significação. Ela não é mais a detentora absoluta do conhecimento, portanto precisa aprender a dialogar com as novas ferramentas tecnológicas e esses novos espaços de aprendizagem. Segundo Costa (2005, p.233) “a comunicação em rede, por sua vez, possibilitou novas formas de cooperação e articulação por todo o planeta”.

A sociedade globalizada exige uma maior aproximação entre saberes e informações. A internet, portanto, dentro do contexto da cibercultura que representa um conjunto de práticas e ideias interconectadas e comunicadas globalmente, vem possibilitando a interconexão de informações horizontalizadas que se tornam cada vez mais dinâmicas e ubíquas. De acordo com Quaresma (2014, p.33) esse processo “nos leva a uma condição de coesão e consciência global”. A partir desse panorama a educação escolar é pressionada para se orientar por um novo paradigma.

Não há como competir com uma dinâmica intensa de informações sem se adequar a esse novo modelo de educação. As práticas tradicionais educativas dentro desse contexto precisam passar por contínuas reavaliações. As práticas educativas necessitam se dinamizar,

adequando-se a nova realidade, caso contrário se tornarão obsoletas gerando ainda mais a falta de sentido da escola para a vida do educando.

A internet e demais redes abrangem todos os setores da sociedade, de modo que segundo Castells (2003, p. 8) “ ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura”.

Nessa perspectiva a internet gera uma rede de conectividade que pressiona o aluno a se manter conectado. Frente ao ritmo acelerado das informações, há uma massificação das informações. Estar conectado, portanto tornou-se a palavra de ordem para aqueles que não querem ser vistos como desatualizados, atrasados. No entanto, ao mesmo tempo que, a internet permite uma comunicação global e inclusiva, também exclui, porque nem todos têm acesso ao computador e muito menos à rede. As escolas públicas, principalmente, caminham em passos lentos, uma vez que não dispõem de infraestrutura que permita o acesso democrático e igualitário à rede.

Sobre a relação da internet e a aprendizagem Selwyn (2010, p. 113), destaca que:

[...] a aprendizagem é uma capacidade do indivíduo de se conectar a nós ou fontes de informação especializadas como e quando necessário, e a capacidade concomitante de alimentar e manter essas conexões. Como Siemens (2004) coloca, a aprendizagem é, portanto, concebida mais em termos da “capacidade de conhecer mais” por meio da internet, do que da confiança na acumulação de conhecimento prévio em termos do “que é conhecido atualmente”. Além de ter um papel proeminente dentro de relatos da “ciência” cognitiva da aprendizagem, noções de conectividade em rede são cada vez mais prevalentes dentro dos entendimentos populares, políticos e acadêmicos dos processos e práticas sociais do “fazer educação”. Em particular, a internet é frequentemente descrita como sustentando a capacidade de cada aluno de construir e manter conexões com vários componentes do sistema de ensino – o que é apresentado em termos de política como a ‘personalização’ da aprendizagem.

Os saberes são, portanto, fluídos de forma que com o surgimento e ampliação da internet a educação ganha um novo aliado no processo de aprendizagem. A cultura do conhecimento em rede representa uma evolução dos avanços tecnológicos que favorece a aprendizagem coletiva e colaborativa, porém faz-se necessário desenvolver as melhores práticas que permitam esse tipo de aprendizagem.

De acordo com o francês Pierre Lévy (1999, p. 158):

O saber- fluxo, o trabalho-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva mudam profundamente os dados do problema da educação e da formação. O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. Os percursos e perfis de competências são

todos singulares e podem cada vez menos ser canalizados em programas ou cursos válidos para todos. Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em ‘níveis’, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes ‘superiores’, a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva.

O pensamento de Lévy é claro, a internet e as novas tecnologias coloca um desafio no processo ensino aprendizagem. As informações ocorrem de uma forma dinâmica e dialética cabe, portanto, ao educador, organizar e planejar estrategicamente o que e como ensinar, entendendo que apesar do grande volume de informações, os conhecimentos devem ser orientados e planejados de forma que possamos alcançar uma aprendizagem significativa em conexão com o contexto tecnológico.

2.2 Educação e novas tecnologias: TICs

A criação é parte integrante da sobrevivência humana. O homem para garantir sua subsistência foi pouco a pouco desenvolvendo novas tecnologias transformando a natureza e se transformando. Segundo Kenski (2007, p. 15) “desde o início dos tempos, o domínio de determinados tipos de tecnologias, assim como o domínio de certas informações distinguem os seres humanos”.

A tecnologia, portanto, trouxe mudanças significativas para os indivíduos, alterando sua relação como o meio e com outro. Na educação, a tecnologia muito mais que novas técnicas e ferramentas nos desafia a repensar o fazer pedagógico.

Grinspun (2009, p. 27 e 28), observa que:

As grandes repercussões da tecnologia trouxeram novos paradigmas científicos que por sua vez vão repercutir no modelo pedagógico, na noção de educação, na relação entre educador e educando, nos conteúdos e nas novas metodologias. A educação em tempos modernos está inter-relacionada com esses novos paradigmas que se entrelaçam, mas ela, também, deve promover com sua filosofia e procedimentos a formação do sujeito. De um lado temos os recursos, a racionalidade e a objetividade da tecnologia e do outro o homem, também com seus recursos e suas potencialidades que devem ser trabalhados e desenvolvidos. Acresce ainda, as modificações que ocorrem nas relações sociais, a partir dos resultados ou consequências advindas dos avanços científico-tecnológicos. [...] O que dificulta ainda mais esse papel na educação é que este saber não mais existe de forma linear e

hierárquica; ele se produz em redes de conhecimento que estão disponíveis dentro e fora da escola, onde sistematicamente ocorre a educação.

Com o desenvolvimento da tecnologia novas práticas foram surgindo no meio da sociedade. A necessidade de ampliação da linguagem e comunicação fez surgir novas formas de tecnologias aliando som e imagem, são as TICs. A internet ampliou a rede de comunicações e conexões nos seus mais variados níveis. Várias discussões e contribuições recentes mostram a importância do conhecimento para o desenvolvimento econômico de um país. Em meio a esse contexto temos os jovens que a cada dia tem desenvolvido uma nova cultura de aprendizagem frente a essas novas tecnologias.

Sobre a escola e as novas culturas juvenis Pais *apud* Carrano (2006, p. 113) destaca:

Estariamos, então, frente a um paradoxo: a escola tem como uma de suas marcas históricas o conservadorismo, a manutenção das relações de poder; as culturas juvenis, em sua maioria, tem gosto pela mudança. O que fazer, pergunta José Machado Pais: transformamos a escola, ameaçando com isso as relações sociais, ou silenciemos a juventude, negando os jovens como sujeitos possuidores de culturas próprias?

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), cada vez mais faz parte do dia a dia dos alunos e favorecem as novas metodologias emergentes na área da educação, contribuindo para o compartilhamento de informações. Não podemos esquecer que a tecnologia tornou-se indispensável para a vida do homem, uma vez que, promove uma maior praticidade. Desta forma, também deve funcionar como facilitadora no processo ensino e aprendizagem proporcionando novas formas criativas de conhecimento.

Conforme, Fonseca (2012, p.2):

A internet possibilita uma infinidade de informações que permite ao processo ensino aprendizagem transformá-la em conhecimento. Por meio das TICs, o professor, juntamente com seus alunos podem ser autores e criadores de seus próprios materiais pedagógicos. Através de blogs ou weblogs, chats, Wikis, Webquests, vídeos, podcasts, screencasts, jogos interativos, revistas e jornais digitais, dentre outros, a escola estará conectada ao ciberespaço, isto é, fará parte da inteligência coletiva.

O desenvolvimento da tecnologia também proporcionou aos alunos utilizar diferentes mídias ampliando novas visões de mundo. Os aparelhos móveis tornaram-se um dos recursos tecnológicos mais usados pelos alunos, devido sua praticidade de conexão via internet, favorecendo as interações em tempo real e intervenção para solução de problemas.

A escola tem antes de tudo uma função social: formar cidadãos críticos e reflexivos. Para isso, faz-se necessário um despertar para esse novo contexto tecnológico de modo que possamos aproximar a cultura escolar da cultura juvenil impregnada de novas experiências, linguagens e visões de mundo. Sobre isso, Serafim *et al* (2011, p.25), ressaltam que “um dos problemas mais debatidos quando se fala em escola e os jovens de hoje é justamente o distanciamento que há entre a cultura escolar e a cultura da juventude”.

Nesse processo as TICs digitais constituem-se numa fonte de poder, porque possibilita em tempo real registrar acontecimentos e fazer circular informações que ultrapassam fronteiras. As informações ocorrem de forma rápida de modo que a todo instante as informações se avolumam. Nesse sentido, as redes tornam-se numa importante aliada para o fluxo dessas informações.

Sobre a influência das tecnologias na educação, Moreira (2007, p.41) destaca:

As alterações sociais decorrentes da banalização do uso e do acesso às tecnologias eletrônicas de informação e comunicação atingem todas as instituições e espaços sociais. Na era da informação, comportamentos, práticas, informações e saberes se alteram com extrema velocidade. Um saber ampliado e mutante caracteriza o estágio do conhecimento na atualidade. Essas alterações refletem-se sobre as tradicionais formas de pensar e fazer educação. Abrir-se para novas educações resultantes de mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender possibilitadas pela atualidade tecnológica é o desafio a ser assumido por toda sociedade.

A tecnologia, portanto, inventa e reinventa a forma de aprender. A escola na atualidade não pode ficar fora desse contexto, pois deve atender as necessidades do sistema capitalista que necessita de cidadãos aptos e preparados para o mercado do trabalho e para a produção. Para isso é necessário que os governos invistam e adequem as instituições escolares da melhor forma possível com a finalidade garantir o acesso às novas tecnologias e capacitação dos educandos.

O papel do professor é fundamental na utilização das TICs. Conforme Mercado (2005, p.22), “a medida que a aprendizagem é uma depuração da informação recebida pelo aluno e então transformada em conhecimento, cabe ao professor enxergar-se e atuar como guia, facilitador”.

Desta forma, a aprendizagem ganha novos contornos e desafios frente as novas mudanças que seguem em ritmo acelerado e que requer a adaptação da comunidade escolar a essa realidade.

2.3 Formação dos professores em novas tecnologias

Os avanços tecnológicos e a ampliação das informações no ciberespaço confrontam os tradicionais modelos de educação. Diante do contexto, os educadores devem assumir uma nova postura de modo a refletir sobre os procedimentos metodológicos utilizados, repensar suas práticas e se tornar capazes de navegar no ciberespaço. Para que isso ocorra a Formação Continuada é de fundamental importância já que a formação inicial tem como objetivo principal a formação em áreas específicas.

Segundo Mercado (2002, p.19) essa formação exige:

- Mudanças na forma de conceber o trabalho docente, na flexibilização dos currículos das escolas, e nas responsabilidades da escola no processo de formação do cidadão;
- Socialização do acesso à informação e produção de conhecimento para todos;
- Mudança de concepção do ato de ensinar em relação a os novos modos de conceber o processo de aprender e de acessar e adquirir conhecimento;
- Mudança nos modelos/marcos interpretativos de aprendizagem, passando do modelo educacional predominante instrucionista, para o modelo construtivista;
- Construção de uma nova configuração educacional que integre novos espaços de conhecimento em uma nova proposta de inovação da escola, na qual o conhecimento não está centrado no professor e nem no espaço físico e tempo escolar, mas visto como processo permanente de transição, progressivamente construído, conforme os novos paradigmas;
- Desenvolvimento dos processos interativos que ocorrem no ambiente telemático, sob a perspectiva do trabalho cooperativo.

No entanto, a formação inicial de professores frente ao avanço das novas ferramentas tecnológicas necessita também passar por um urgente redimensionamento em que integre ao currículo uma reflexão crítica do uso da tecnologia e suas consequências éticas, didáticas e socioeducativas. De forma que educadores e educandos devem se perceber e ser percebidos como atores ativos, criativos e reflexivos das ferramentas tecnológicas, contribuindo para que possamos alcançar uma educação significativa.

Além do desafio de usar a nova linguagem desenvolvida pelas novas ferramentas tecnológicas de forma significativa, a resistência por parte dos professores em mudar de postura frente a um saber democratizado se constitui em uma barreira que precisa ser estrategicamente derrubada para que o uso efetivo das novas tecnologias dentro da escola. Não apenas se conectar, mas aprender a dialogar com essas novas ferramentas torna-se urgente dentro desse novo contexto.

Sobre essa resistência Dannemann (2012, p. 43) destaca:

Obviamente o saber democratizado pela internet tira o docente da posição de detentor único do conhecimento, e ele precisa lidar com uma nova realidade, que pressupõe aprender novamente – desde conhecer e exercitar práticas usando os novos recursos tecnológicos até estimular a participação do aluno de outras formas e reorganizar o ambiente na sala de aula para permitir interação.

A educação voltada para o uso da tecnologia tem sido amplamente discutida e esforços têm sido feitos por parte do governo, para que ela desenvolva novos procedimentos didáticos pedagógicos, com a finalidade de inserir no seu interior essa nova linguagem e se adapte às novas culturas que emergem desse movimento. Dentro dessa perspectiva de mudanças e inserção digital, desde a década de 70 foram desenvolvidas políticas públicas que tentam ampliar a relação entre tecnologia e educação e seu uso efetivo na escola, assim como, a formação de professores que juntamente com os alunos se tornam protagonistas desse processo.

O governo brasileiro ainda na década de 70 criou a Secretaria Especial de Informática (SEI)¹ que tinha como função coordenar e executar a Política Nacional de Informática. Como eventos importantes e impulsionadores desse programa, aconteceu no Brasil nos anos de 1981 e 1982, o primeiro e o segundo Seminário Nacional de Informática na Educação, realizados nas Universidades de Brasília e na Universidade Federal da Bahia, respectivamente.

Como resultado desses seminários surgiu o projeto Educom e Formar conforme destaca Neves & Segenreich (2009, p. 245 - 247):

O Educom é resultado dos trabalhos de uma comissão nomeada pela SEI, mas que foi desenvolvida sob a égide do MEC, com a participação do CNPq e da Finep. Após sua aprovação, a SEI divulgou um comunicado no qual informava o empenho governamental na implantação de centros-piloto em universidades interessadas no desenvolvimento de pesquisas. O objetivo era criar ambientes educacionais que usassem o computador como recursos facilitador de aprendizagem e como formação de recursos humanos. [...] O Projeto Formar foi desenvolvido pela Unicamp com o apoio de outros quatro centros-piloto. Em cada um dos cursos, com duração de 360 horas e de nove semanas de dedicação integral, participaram 50 professores vindos de secretarias estaduais de educação e escolas técnicas federais de praticamente todos os estados do Brasil. [...] A proposta era a de que os professores-alunos não só

¹ SEI – Órgão executivo do Conselho de Segurança Nacional da Presidência da República. Foi criada com a função de coordenar e executar a Política Nacional de Informática, estimulando a capacitação científica e tecnológica em diferentes setores da indústria brasileira.

deveriam dominar as ferramentas (software e hardware), analisar criticamente a contribuição da informática no processo ensino-aprendizagem, como também reestruturar sua metodologia de ensino.

Em Outubro de 1989, o governo cria o Proninfe² que teve como finalidade estender o uso da informática em todos os níveis de ensino de forma a contribuir para uma aprendizagem significativa, além de estimular os alunos no uso das novas tecnologias. Em Abril de 1997 é lançado mais um novo programa, o Proinfo³ que objetivou não apenas formar professores, mas implantar computadores interligados à internet, a fim de ampliar a igualdade de oportunidades para os alunos com menores condições econômicas.

Sobre os esforços do governo para integrar as tecnologias na escola, Nascimento (2013, p. 45) destaca:

O governo federal, por meio do Programa de Informática Educativa (Proinfo), do Ministério da Educação (MEC), distribuiu laboratórios de informática para as escolas públicas brasileiras. Também implementou o programa Um Computador por Aluno em 500 escolas dos diversos estados, além de ter facilitado a aquisição de mais laptops aos gestores interessados no financiamento promovido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Atualmente, teve início a distribuição de 600mil tablets para professores do Ensino Médio de todos os estados que aderiram ao Programa de Ações Articuladas (PAR) do MEC.

Na década de 1990 mais uma inovação se segue na tentativa de ampliar a formação de professores, a Educação a Distância (EAD). Essa modalidade tem apresentado resultados positivos, porque tem contribuído para que migrantes digitais se insiram no contexto digital tecnológico de forma mais atuante.

Apesar das diversas críticas que são feitas a modalidade de ensino EAD que a define como uma forma de atender a exigências do capitalismo internacional, Kenski (2003, p. 105 - 106), destaca que:

A preocupação em educação na atualidade é formar o cidadão brasileiro para que este possa ser também um “cidadão do mundo”, e não apenas “preparar o trabalhador ou o consumidor das novas tecnologias”. Isso significa a definição de programas e projetos que possam fazer uso das novas tecnologias para capacitar as pessoas para a tomada de decisões e para a escolha informada acerca de todos os

² Proninfe – Programa Nacional de Informática Educativa. Tinha como função desenvolver a informática educativa no Brasil através de atividades projetos.

³ Proinfo – Programa Nacional de Tecnologia Educacional. Lançado em 1997 pelo Governo Federal para capacitar os professores, promovendo o uso pedagógico das TICs nas escolas públicas.

aspectos da vida em sociedade: político social, econômico, educacional... Para isso, fazem-se necessários o acesso à informação e ao conhecimento e a capacidade de processá-los judiciosamente. Programas de educação a distância de qualidade devem envolver possibilidades de utilização de todos os meios tecnológicos disponíveis do meio impresso aos ambientes interativos digitais- sem discriminação. Devem garantir a possibilidade de escolha dos alunos entre as modalidades presenciais e a distância, sem prejuízos para a sua formação. Mais do que tudo, devem garantir a formação do profissional crítico também no que se refere à adoção e ao uso das tecnologias, identificando “a natureza dessas novas forças desmistificando suas origens técnicas e mercadológicas e aplicando os conhecimentos em projetos mais condizentes com a realidade, são objetivos centrais dessas propostas”.

As possibilidades de um avanço educacional atrelado ao uso das novas tecnologias ainda tem muitos desafios a serem vencidos. Porém um esforço em conjunto entre gestores, educadores e governo de forma que novas possibilidades se abram para a construção do conhecimento com o uso das novas tecnologias, podem significar um salto na qualidade de ensino do nosso país. É fundamental também que haja uma continuidade na elaboração de políticas públicas que invistam na formação continuada dos professores para que estes desenvolvam suas capacidades da melhor forma possível no uso das novas tecnologias.

2.4 Os jovens e as novas tecnologias

Num mundo global cada vez mais as fronteiras se estreitam. Novas necessidades vão surgindo, assim como, novos tipos de sociabilidade. A internet ao ser disseminada tornou-se uma constante na vida dos indivíduos. Cada vez mais crianças, jovens e adultos são dependentes das novas tecnologias e dos novos meios de comunicação. A cultura-valor deixou de ser reservada apenas a uma parcela mínima da população. A internet como propagadora da cultura-mercadoria contribuiu para que novas configurações sociais fossem surgindo.

Em meio a avanços e novas formas de interação, os jovens são bombardeados constantemente de modo que não estar conectado, hoje, tornou-se símbolo de atraso e muitas vezes de exclusão social. Apesar de muitos jovens considerarem a internet como meio de entretenimento e lazer, ela se constitui como uma nova forma de leitura, cabendo à escola o papel de direcionar os jovens para a utilização dessa ferramenta como um recurso de construção do conhecimento interligando-os com os saberes escolares.

Sobre o acesso dos jovens à internet, baseados na pesquisa do TIC 2012 do Comitê Gestor da Internet no Brasil, destacam Alves *et al* (2013 p. 23):

No Brasil, 60% das pessoas já acessaram a internet na área urbana e 22% o fizeram na área rural. Esse dado por si só evidencia a persistência das desigualdades entre o campo e a cidade. Entre os jovens de 16 a 24 anos, o percentual de acesso à internet atinge os 83%. Aqueles com a idade entre 35 e 45 anos já acessaram na ordem de 53%, revelando uma distância entre as idades no que diz respeito à imersão na internet. Na classe A, 95% já acessaram e nas classes mais empobrecidas, D/E, somente 20% o fizeram. E, mais uma vez, se constata que a desigualdade social e econômica produz distância entre os brasileiros. A mesma pesquisa aponta que 68% dos jovens entre 16 e 24 anos acessam a internet diariamente. Em relação ao uso, 94% usam a internet para se comunicar, 85% como atividade de lazer, enquanto 65% entram na internet com fins educacionais. O celular é também um outro expressivo indicador da importância da tecnologia no cotidiano das ações. Ainda segundo a pesquisa TIC2012, o uso do celular nos três meses anteriores à pesquisa foi de 87% na área urbana e 67% na área rural. Entre os jovens de 16 a 24 anos, 92% usaram celular nos últimos 3 meses.

Os jovens de uma forma dinâmica interagem com as novas tecnologias produzindo um comportamento próprio da “cultura juvenil”. Este é um fenômeno que emerge com a geração dos anos 80, denominados “nativos digitais”. Estes jovens apresentam características específicas, pois estão conectados o tempo todo com as novas tecnologias criando e recriando espaços de aprendizagem contextualizados e os mais diversos conteúdos. Também constroem relações que reforçam as subjetividades dos sujeitos envolvidos.

Através de chats, blogs, e-mails são construídas novas pontes e compartilhamentos de saberes. A difusão de ideias ganha uma velocidade jamais vista permitindo que o jovem interfira na realidade e através de grupos criem um espaço de discussão e diálogo. Para Sathler (2010, p. 15) “os nativos digitais são cinestésicos e tem dificuldade de se dedicar a aprender coisas que pareçam não fazer sentido ou descontextualizadas”. Diante dessa realidade, os professores que são migrantes digitais por não terem nascidos imersos nessa cultura tecnológica têm o desafio de aprender a dialogar com essa nova performance de juventude procurando se apropriar mais das diversas ferramentas tecnológicas inserindo-as na sua prática pedagógica.

De acordo com Lemos (2009, p. 43 - 44):

Nesse contexto, os nativos digitais transitam através da leitura/escrita das salas de bate-papo, na troca de e-mails, criando um espaço ao mesmo tempo de ludicidade e de formação de construção do próprio eu. [...] O assunto dos jovens nas salas de bate-papo sempre se referem a atividades recentemente ocorridas, provas, jogos,

namoros, filmes, músicas, programação de fim de semana. Através da internet, buscam fazer contato com pessoas distantes e descobrem curiosidades pelo simples fato de sair navegando. Desta forma, acabam encontrando uma forma rápida e divertida de escrever. As frases são curtas, diretas e as palavras abreviadas. O essencial é teclar pouco e dizer muito. A escrita segue a lógica do teclado, adequando-se ao novo suporte e ganhando contornos diferentes nos espaços visuais.

Diante desse contexto, a escola para manter-se relevante na sociedade deve assumir que temos novos modelos de aprendizagem, novos tipos de alunos e uma nova forma de linguagem. Os nativos digitais nos desafiam a promover mudanças urgentes quanto ao que ensinar e como ensinar. A escola e os educadores precisam se conectar com essa nova linguagem de modo que as novas tecnologias sejam usadas como algo que acresça ao processo ensino e aprendizagem.

2.5 A redes sociais e o uso do facebook como ferramenta didático pedagógica

Diante do contexto atual em que a comunicação está cada vez mais globalizada, as informações circulam de forma mais ampla, o acesso à internet está paulatinamente sendo democratizado e as interações via comunidades virtuais estão cada vez mais presente atraindo participantes e usuários, as redes sociais são uma importante ferramenta de comunicação e construção de relações socioafetivas, além de um espaço para a construção e ampliação da aprendizagem.

De acordo com Lima (2011, p. 8):

As redes sociais virtuais são grupos ou espaços específicos na internet, que permitem partilhar dados e informações, sendo estas de caráter geral ou específico, das mais diversas formas (textos, arquivos, imagens fotos, vídeos, etc.). Há também a formação de grupos por afinidade, formando comunidades virtuais, com ou sem autorização, e de espaços abertos ou não para discussões, debates e apresentação de temas variados.

As redes sociais se constituem num espaço que as ideias se confrontam, a liberdade de expressão se efetiva e as mais diferenciadas relações emergem. Muito mais que um espaço de lazer, Pinho (2013. p.71) destaca que, “o contato através da dimensão virtual é um caminho, como tantos outros, de engendrar relações sociais e interpessoais. O ciberespaço não remete à individualização e ao irreal, mas a um espaço a mais de comunicação interpessoal e social”.

Portanto, o acesso às tecnologias deve ser democratizado para que haja a possibilidade de um novo fazer pedagógico que leve em consideração o trabalho conjunto, entendendo o aluno como um sujeito ativo nesse processo.

De acordo com Vagula (2014, p.4):

A democratização do acesso às tecnologias contribuiu para a utilização de novas estratégias de ensino, por meio de trocas interativas entre alunos e tecnologia, promovendo relacionamentos interpessoais positivos. As redes sociais situam-se no ciberespaço e, como ferramenta pedagógica, têm sido alvo de pesquisas na academia, pois possibilitam a interação (trabalho compartilhado), a interatividade (interação através de sistemas de comunicação) e a construção colaborativa do conhecimento na web 2.0. Com elas, surge a necessidade de o professor buscar novas estratégias de ensino e valer-se de ferramentas pedagógicas disponíveis no ciberespaço, como as redes sociais que se utilizam das ferramentas Web 2.0.

Ainda, segundo Hilu *et al*(2011, p. 15042) o Facebook apresenta as seguintes características:

Como facilitador pedagógico, algumas características desta rede são propícias para a educação: 1. As pessoas que fazem parte da rede de um determinado usuário podem interagir nos seus destaques, ou no que ele posta, ou seja, se o usuário disponibiliza uma notícia é possível fazer intervenções na sequência, entre elas: sinalizar positivamente, ou seja, que curtiu, compartilhar o post, ou seja, reencaminhar o mesmo texto para sua rede ou comentar o texto. 2. Mesmo as pessoas que não são de sua rede podem receber suas postagens através de um amigo em comum e tem os mesmos direitos e permissões desde que o usuário libere isso no seu perfil. 3. A interface possui atualização dinâmica e rápida, os seus posts não se perdem, pois ficam concentrados no seu espaço virtual, ou seja, seu perfil. É importante destacar que imagens, vídeos e links têm o mesmo tratamento dos textos escritos, ou seja, é possível: curtir, comentar e reencaminhar.

Porém, o papel das redes sociais enquanto espaço de aprendizagem é questionado por alguns estudiosos conforme destaca Sibilía (2012, p. 186-187):

De fato, ainda que isso pareça aqui usada para designar essa nova modalidade triunfante de relação com o próximo e com o mundo, a sociedade informacional não conecta, mas tende a desligar, dificultando as possibilidades de dialogar ou de compor uma experiência junto com os demais. [...] ‘Quando os jovens batem papo nos chats, eles não contam coisas uns aos outros, mas permanecem em contato; não se detêm para pensar no que lhes diz o outro, mas ‘vão mandando o que sai’. Exemplifica Corea.’ Não pensam no que dizem, acrescenta, ao passo que ‘quando se escreve uma carta, toma-se tempo para lê-la, para corrigi-la’; nas condições atuais, entretanto, ‘dissolve-se não apenas o código, mas também a própria comunicação’.

Os defensores da comunicação em rede ao contrário, veem esses espaços como uma forma de aprendizagem não hierarquizada diferente dos modelos tradicionais em que o

receptor era totalmente passivo no processo. Nas palavras dos autores Alves *et al* (2013, p. 27):

O chamado ‘mundo virtual’ da internet com todas as imprecisões que o termo pode assumir é um espaço-tempo pleno de possibilidades de reais interações humanas. Um importante campo de pesquisa se constitui com a problematização sobre linguagens e meios de comunicação influentes na constituição das subjetividades juvenis. Nesta direção se encontram as chamadas redes sociais de relacionamentos (facebook, Twitter, Google+, Orkut, etc.) que, sem exagero, já podem, ser consideradas um traço civilizatório organizador dos modos de vida de jovens em todo o mundo. Assim, torna-se estratégica a realização de estudos que aprofundem conhecimentos e inventariem a multiplicidade de situações e usos que os jovens fazem dos diferentes canais de interação disponíveis na sociedade tecnológica no Brasil.

As redes sociais representam, portanto, uma nova forma de comunicação, interação e diálogo, podendo ser utilizadas com os mais diversos objetivos. O espaço virtual é uma constante de atualizações, portanto, o docente deve se apropriar do ciberespaço de forma que a sala de aula seja estendida para além dos muros da escola, possibilitando, assim, que professores e alunos produzam e compartilhem conhecimentos.

Porém, segundo Januário & Moreira (2014, p. 79) “um dos grandes desafios que se coloca ao professor é perceber como poderá utilizar pedagogicamente esta plataforma”. Na disciplina de Sociologia a ideia é que essa rede a longo e médio prazo possibilite um espaço de debate e difusão de conhecimentos sobre a realidade dos fenômenos sociais por parte dos alunos do ensino médio de modo que possam ampliar sua visão de mundo.

2.6 O Facebook como ferramenta didático pedagógica

A rede social Facebook foi criada em 2004 por Mark Zuckerberg, Chris Hughes, Dustin Moskovitz e o brasileiro Eduardo Saverin no interior da Universidade de Harvard. A princípio objetivou-se ampliar a sociabilidade entre os universitários da instituição.

Sobre seu objetivo inicial Boyde & Ellison *apud* Recuero (2009, p. 171), destaca:

O foco inicial do Facebook era criar uma rede de contatos em um momento crucial da vida de um jovem universitário: o momento em que este sai da escola e vai para a universidade, o que, nos Estados Unidos, quase sempre representa uma mudança de cidade e um espectro novo de relações sociais. O sistema, no entanto, era focado em escolas e colégios e, para entrar nele, era preciso ser membro de alguma das

instituições reconhecidas. Começou apenas disponível para os alunos de Harvard (2004), posteriormente sendo aberto para escolas secundárias (2005).

A partir de 2006, o facebook foi aberto ao público tornando-se uma das maiores rede social do mundo com mais de um bilhão de usuários. O facebook oferece amplas possibilidades de interação, criação e compartilhamentos, porque através dele os alunos e professores podem postar vídeos, fotos, notícias, links e criar grupos e páginas pessoais. Além disso, a rede permite a comunicação através do bate papo, contribuindo assim, no campo educacional, para uma interação mais efetiva entre professor- aluno e aluno-aluno, possibilitando também que os alunos tirem dúvidas sobre os conteúdos, trabalhos, provas sendo, portanto, uma extensão da escola.

Segundo Couto (2014, p.49), “todos são incitados a emitir opiniões, rotular, avaliar e classificar as informações, a comentar isso e aquilo”. Sobre isso, na imagem abaixo (fig.1) foi postada um vídeo que correspondia ao conteúdo estudado em sala e pedido aos alunos que “curtissem” e fizessem seus comentários. Fica visível que em relação às visualizações as “curtidas” e comentários foram bem inferiores. Porém, podemos perceber que houve uma interação entre professor-aluno a partir de alguns questionamentos. A imagem, portanto, reforça a ideia de que a cibercultura amplia as possibilidades de expressão.

Figura 1: Postagem do professor no Grupo Aula de Sociologia



Angieira Silva o vídeo mostra que n tem de diferença de seres humanos para animais que somos todos iguais os animais essa criança ja nasceram de dom ja de animais e ainda sao mais melhor do seres vivos pq fi fala da vida de ninguem e tbm uma coisas importante animal cuidar de humanos e o mais em portante que essa pessoas que vive como animais a maioria das vezes tem mais saude do os outros os macacos sao o animal mais parecido com os seres humanos
12 de fevereiro às 17:41 · Descurtir ·  1

Cleyson Pinheiro o vídeo mostra que todos seres vivos, podem si adaptar em qualquer ambiente, basta apenas conviver na aquele determinado ambiente, que ao longo vai aprender todos seus modos e costumes de vida.
12 de fevereiro às 18:05 · Descurtir ·  2

Katia Cilene É fato que a aprendizagem inicia-se com a capacidade de identificação de objetos, símbolos e sons a socialização é o processo através do qual nós vamos interiorizando hábitos e características que nos tornam membros de uma sociedade o processo pelo qual os seres humanos aprendem as coisas mais básicas da vida, tais como comer com talheres, andar, falar, vestir-se sozinhos, entre muitas outras... esse vídeo mostra um pouco da importância de vivermos em sociedade pois se não ficamos como essas crianças que mostra no vídeo, #na minha opniao essas crianças nao tem problemas mentais e sim que foram educados por uma sociedade diferente da nossa que sao os animais 😊
12 de fevereiro às 18:27 · Descurtir ·  1

Edisley Brito O aprendizado em nossas vidas ocorre a partir da admiração, identificação e exemplos 'pois em nossas vidas precisamos de exemplos de como andar, escrever, falar e identificar para poder entender e conseguir viver nesse mundo...
A importância da socialização é fundamental pois nenhum humano não é capaz de aprender nada sozinho ou seja, se manter uma criança de 2 anos ate os 9 vivendo sozinha quando ela tiver 15 não saberá de nada e socialização é...

Izanete de Lima Evitadamente Edisley! A socialização é um processo de contínuo aprendizado das regras e costumes referentes a sociedade na qual fazemos parte, porém é possível pensarmos que mesmo convivendo com animais somos socializados. O que você acha?
13 de fevereiro às 10:46 · Curtir

Izanete de Lima Isso mesmo Cleyson Pinheiro! Aprendemos a partir do meio no qual estamos inseridos, porém, características humanas só desenvolveremos na convivência com outros seres humanos. 😊
13 de fevereiro às 10:54 · Curtir ·  1

Edisley Brito Sim, é verdade acredito que apesar de as classes dos animais ✕ e dos seres humanos serem diferentes cada um tem seu processo de socialização então como o ser humano tem a tendencia a evoluir a partir de exemplos, um ser humano criado com animais vai aprender seus costumes a hábitos "sociais" deles. Izanete de Lima
13 de fevereiro às 17:07 · Descurtir ·  2

Hugo Honório Bezerra esse vídeo é muito real mete cor qual que pessoa fô criado pelo amins real mete (Descurtir este comentário) queia menina ela é em gral um macaco os animal osana era como um cão ela malava a cabeça e balaca ela fica como um cão mesmo crianças criadas por animal é a sim mesmo quem com vives com animas fica como animas .
14 de fevereiro às 10:05 · Descurtir ·  2

Cristina Costa o aprendizado ocorre por meio dos nossos familiares que nos ensina a comer com talheres a andar etc. Desdo momento que somos criados em ambiente não sociais ã temos esse tipo de costume e como no video ficamos com hábitos de animais.
17 de fevereiro às 09:27 · Editado · Descurtir ·  1

<https://www.facebook.com/groups/340923692625709/#> Esse vídeo mostra que a socialização é muito importante pra

Harrison Pachú Esse vídeo mostra que a socialização é muito inportante pra nois pois é por ela que nois seres humanos aprendemos as coisas mais básicas da vida, como comer com talheres, andar, falar...etc essas crianças que passao no vídeo são crianças que foram educadas com um tipo de socialização diferente do nosso por isso aprenderam os abitos dos animais.
17 de fevereiro às 18:17 · Editado · Descurtir ·  1

Izanete de Lima Sem socialização ou com um tipo diferenciado de socialização, Harrison?
17 de fevereiro às 18:03 · Curtir ·  1

Izanete de Lima No vídeo há um comentário sobre o aprendizado da cultura. Somos socializados de acordo com a nossa cultura. No caso da menina da Ucrânia(Oxana) que passou 5 anos dormindo no canil podemos dizer que ela foi socializada ou não? Reveja o vídeo.
17 de fevereiro às 18:11 · Curtir ·  1

Harrison Pachú podemos dizer que ela foi socializada sim só que de um tipo diferente do nosso.
17 de fevereiro às 18:13 · Descurtir ·  2

Anderson Silva o tipo de socialização dela foi muito estranha
19 de fevereiro às 09:54 · Descurtir ·  1

Samuel Dias "Crianças selvagens" são crianças que logo a partir dos primeiros anos de vida passaram a viver em completo isolamento da sociedade, pinião essa Criança foi socializada de modo diferente do nosso

<https://www.facebook.com/harrison.ferreira.507?ref=ufi>



Fonte: SILVA, Izanete M. de O. Pesquisa de campo, 09/06/2014.

De acordo com a imagem abaixo (fig.2), foi pedido aos alunos como atividade extraclasse que pesquisassem, selecionassem e postassem vídeos que estivessem relacionados com o conteúdo discutido em sala. Cerca de 90% dos alunos visualizaram as postagens feitas, porém, apenas 3% curtiram ou comentaram. Essa situação demonstra que apesar dos alunos passarem um tempo relativo no Facebook e o considerarem importante como espaço de interação, dos 90% que visualizaram as postagens, apenas 2% postaram seus comentários.

Figura 2: Postagem dos alunos no Grupo Aula de Sociologia



Fonte: SILVA, Izanete M. de O. Pesquisa de campo, 09/06/2014.

O Facebook enquanto ferramenta pedagógica, apesar de ampliar as possibilidades da construção do conhecimento e autonomia do aluno, ainda enfrenta alguns desafios, dentre eles, a percepção do alunado de que, além de espaço de entretenimento, criação de laços sociais e reforço dos laços já existentes, as redes sociais podem ser uma grande aliada para uma aprendizagem significativa em que teoria e prática se complementam.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesse capítulo estão apresentados os aspectos metodológicos que permitiu a realização da pesquisa. A metodologia foi definida tomando como pressupostos a problematização, os objetivos, a contextualização e o suporte teórico levantado. A pesquisa, portanto, refere-se a um estudo quantitativo-qualitativo do tipo estudo de caso. Desta forma, buscou-se compreender as concepções dos alunos acerca do uso da rede social Facebook como ferramenta pedagógica. Trata-se, portanto de uma abordagem qualitativa, porque parte do particular para o geral, observando os fenômenos e os sujeitos a partir de suas subjetividades e do meio no qual estão inseridos. De acordo com Kuark *et al* (2010, p.26), na pesquisa qualitativa “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”.

O estudo de caso trata-se de uma pesquisa empírica, na qual a observação é uma das características imprescindíveis. Segundo Godoy (1995. p. 25), “o estudo de caso que se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente”. Os fenômenos, portanto são interpretados a partir de vários ângulos de acordo com seus contextos.

3.1 Contexto da pesquisa

Para responder aos objetivos da pesquisa foi aplicado um questionário com os alunos do 1º ano do ensino médio de uma escola pública, localizada no interior da Paraíba, no ano de 2013. Os alunos que responderam aos questionários têm de 14 a 19 anos. Na disciplina de sociologia estão matriculados 100 alunos. A amostra foi composta de 50 estudantes, o que corresponde a 50% da amostra. O objetivo da pesquisa é refletir sobre a presença da rede social Facebook no cotidiano desses alunos e sua utilização como ferramenta inovadora de aprendizagem na disciplina de Sociologia. Também foi analisada na pesquisa, postagens feitas na rede social Facebook pela professora e pelo os alunos durante o desenvolvimento do 1º e 3º bimestres de 2013. Apesar da escola está localizada na cidade, boa parte dos alunos são oriundos da zona rural fazendo com que o público seja bastante diferenciado, assim como os níveis de aprendizagem. Os dados coletados foram analisados usando o programa Statiscal Package for the Social Sciences (SPSS).

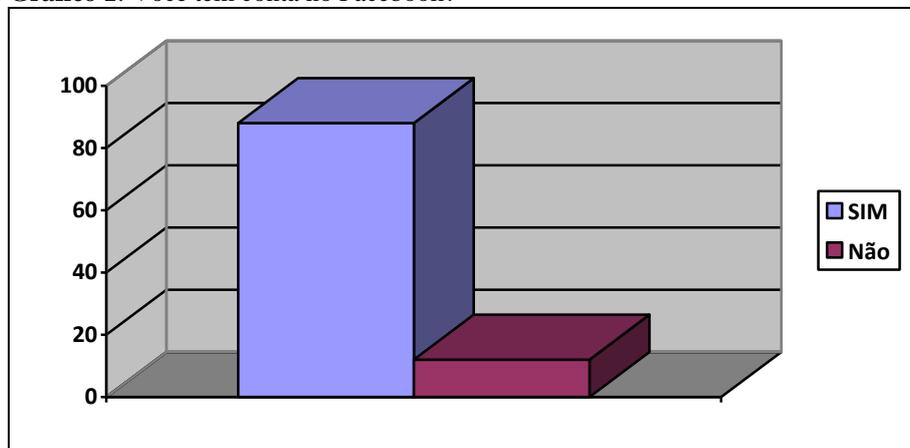
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O presente capítulo apresenta a análise dos dados, tendo como referência os conceitos abordados na discussão teórica. A partir dessa análise foi possível encontrar respostas para o problema da pesquisa que pretende discutir sobre a presença das redes sociais no cotidiano dos alunos, tendo como ferramenta específica o Facebook e sua contribuição na construção de um pensamento crítico e reflexivo de temas sociais na disciplina de Sociologia. Para tanto, os dados foram coletados através de questionários aplicados com 100 alunos, dos quais foi feita uma mostragem de 50 alunos e organizados nas categorias de gráficos e análises.

4.1 Conta no Facebook

No gráfico (1) buscou-se identificar os alunos que tem conta no facebook. Como resultado, 88% de um total de 50 alunos responderam que possuem conta no Facebook, enquanto que 12% dos alunos responderam não ter conta.

Gráfico 1: Você tem conta no Facebook?



Fonte: SILVA, Izanete M. de O. Pesquisa de campo, 09/06/2014.

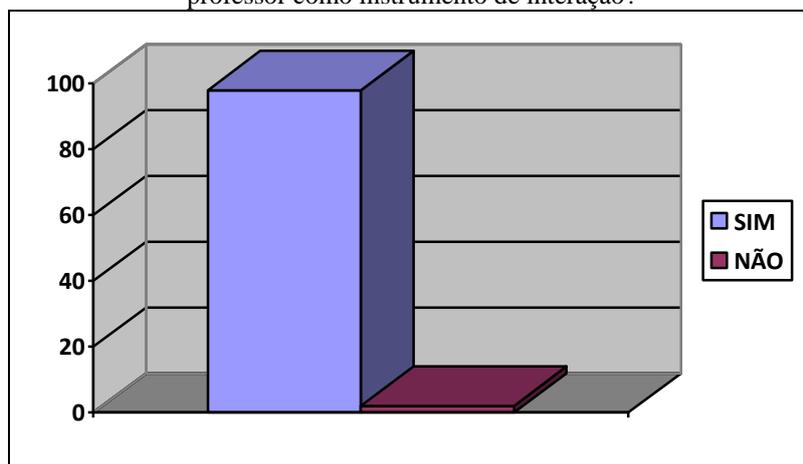
A partir do gráfico (1) foi possível perceber que, alguns alunos não possuem conta no facebook pelos seguintes motivos: falta de interesse em fazer parte de redes sociais e falta de acesso à internet por morar na zona rural. Percebe-se primeiramente que, o uso do Facebook é uma ferramenta muito utilizada pelos alunos e, portanto, faz parte do seu cotidiano, porém, alguns alunos sendo frutos de uma cultura tradicional de

ensino e aprendizagem apresenta resistência ao uso de novas ferramentas tecnológicas na prática pedagógica. Outro fato importante refere-se a dificuldade por parte de alguns alunos de terem acesso à internet, demonstrando, assim, um quadro de exclusão e confirmando as desigualdades que existem entre o campo e a cidade. A escola, portanto, configura-se no espaço que pode promover a inclusão e o acesso à internet desses alunos que se encontram numa situação de exclusão. Por outro lado faz-se necessário que o governo reestruture a capacidade de acesso a internet na escola. De forma que possamos usar efetivamente os aparelhos tecnológicos, tais como: celulares, tablets, netbooks, entre outros, com fins educativos. A apropriação dessas ferramentas nesse processo em que se busca uma educação de qualidade é indispensável não apenas como recursos didáticos, mas como um direito cidadão.

4.2 Importância do Facebook como instrumento de interação

No gráfico (2), 98% dos alunos responderam que consideram o Facebook um importante instrumento de interação, enquanto 2% consideram que não.

Gráfico 2: Você considera importante a utilização do Facebook pelo professor como instrumento de interação?



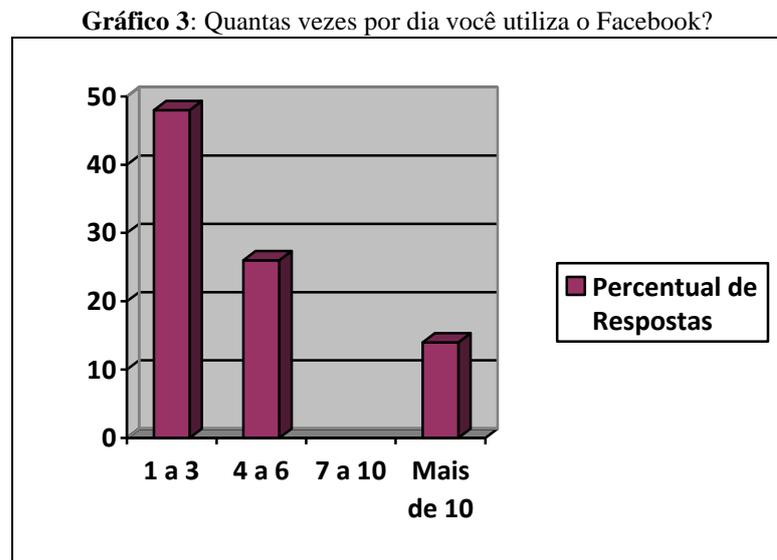
Fonte: SILVA, Izanete Maria de O. Pesquisa de campo, 09/06/2014

A partir do gráfico (2) foi possível perceber que a maioria dos alunos considera a utilização do Facebook pelo professor como um instrumento importante de interação. A

interação entre professor-aluno e aluno-aluno é um fator importante, porque é através das trocas de conhecimentos que a aprendizagem acontece, podendo os envolvidos intervir quando achar necessário, além de ser um facilitador de aproximação. Porém, a utilização dessa ferramenta deve ser bem planejada pelo professor para que o foco não seja desviado.

4.3 Tempo gasto no Facebook

Os dados contidos no gráfico (3) demonstram o tempo que é gasto no Facebook. O gráfico revela que dos 50 alunos que responderam o questionário 48% utiliza a rede de 1 a 3 vezes por dia, 26% de 4 a 6 vezes por dia, enquanto 14% utiliza por mais de 10 vezes por dia.



Fonte: SILVA, Izanete M. de O. Pesquisa de campo, 09/06/2014.

O gráfico demonstra que a maioria dos alunos questionados utiliza a rede com uma frequência significativa durante o dia. Isso confirma que o Facebook está cada vez mais presente no cotidiano dos alunos.

4.4 Motivações para o uso do Facebook

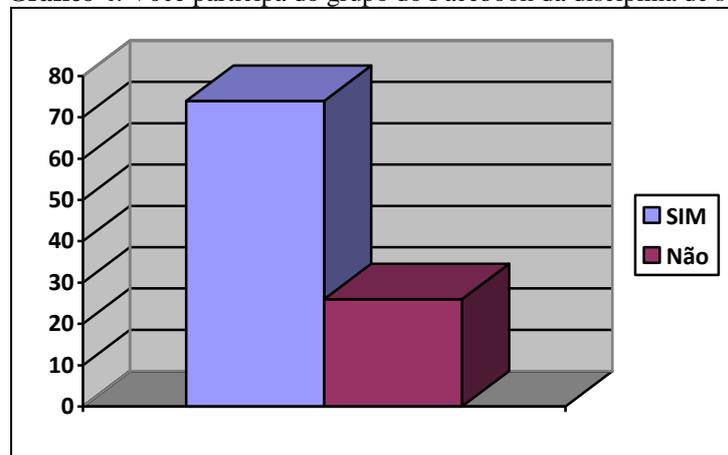
Ao ser questionados sobre quais as motivações que os levam a utilizar o Facebook, os alunos responderam que a comunicação com amigos e pessoas da família que estão distantes

seria o principal motivo; participação em grupos da escola também foi outro motivo apontado pelos alunos. Segundo os alunos alguns professores postam atividades e informações que eles acham interessantes conferir e participar. Outro motivo apontado pelos alunos foi a possibilidade que a rede permite para o entretenimento, além da busca por informações. Alguns responderam que a rede social é interessante também para fazer novos amigos e paquerar. A partir das respostas podemos constatar que a utilização do Facebook pelo alunos tem motivações diversas. Os alunos, portanto, consideram a rede social um espaço de vivência, trocas e interações. Os relacionamentos estão, ao contrário do que se possa imaginar cada vez mais intensos, de modo que, a rede muitas vezes é utilizada como uma extensão dos encontros presenciais, fortalecendo, assim os vínculos com os amigos e a aprendizagem.

4.5 Participação do grupo “Aula de Sociologia”

De acordo com o gráfico (4) da amostragem dos 50 alunos, 74% participam do grupo no Facebook da disciplina de Sociologia, enquanto 26% não participam.

Gráfico 4: Você participa do grupo do Facebook da disciplina de sociologia?



Fonte: SILVA, Izanete M. de O. Pesquisa de campo, 09/06/2014.

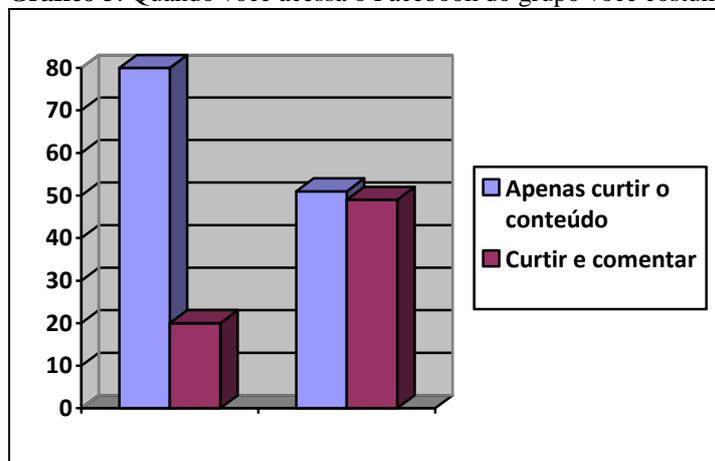
O fato de nem todos os alunos que tem conta no Facebook participarem do grupo da disciplina de Sociologia, demonstra que há desafios a vencer para que os alunos percebam a importância dessa ferramenta como recurso pedagógico. Despertar o interesse do aluno para novas possibilidades de aprendizagem é uma tarefa constante.

Por isso, a abertura e a adesão dos demais professores nesse processo é relevante para que novas práticas possam ser incluídas e nos aproxime mais do universo dos alunos.

4.6 Tipo de participação no grupo “Aula de Sociologia”

Conforme demonstrado no gráfico (5), 51% dos alunos responderam que apenas curti as postagens e 49% curti e comenta.

Gráfico 5: Quando você acessa o Facebook do grupo você costuma



Fonte: SILVA, Izanete M. de O. Pesquisa de campo, 09/06/2014.

Ao analisarmos o gráfico (5) podemos perceber que a maioria participa do grupo “Aula de Sociologia” no facebook comentando e curtindo, porém uma parte bem significativa prefere apenas curtir sem expor suas opiniões. Esse resultado é interessante, porque apesar de todos os alunos questionados acharem importante a utilização do facebook como ferramenta de interação, não a utiliza para interagir com o professor e os colegas, demonstrando, assim a dificuldade de expor suas ideias.

A escola, portanto, precisa fomentar o uso dessas novas ferramentas pedagógicas para que haja a integração entre aluno, professores e tecnologia, possibilitando novas formas de sociabilidade e aprendizagem que mude a cultura rígida e fechada existente.

4.7 O Facebook como recurso pedagógico

Na tabela (1) são analisadas os dados referentes a visão dos alunos em relação ao uso do Facebook como recurso pedagógico na disciplina de Sociologia.

Tabela 1: O que você acha do uso do Facebook como recurso pedagógico da disciplina de Sociologia?

Respostas	Percentual	Total de alunos
Importante como complemento do que é visto em sala de aula.	50%	25
Não acredito que seja necessário, pois o que é visto em sala de aula é suficiente.	4%	2
Participo, pois é uma forma de conseguir pontos extras na disciplina.	16%	8
É importante, pois interajo com o professor e outros colegas sobre conteúdos da disciplina.	30%	15

Fonte: SILVA, Izanete M. de O. Pesquisa de campo, 09/06/2014.

É visível na tabela (1) a visão dos alunos de que o uso do Facebook como ferramenta pedagógica pode se tornar um grande aliado no processo ensino e aprendizagem, porque se configura numa extensão da aula. Apenas 4% dos alunos consideram que não há necessidade do uso da ferramenta, demonstrando, assim uma visão ainda bastante tradicional. Outra parcela de alunos percebem o uso do Facebook, apenas como um meio de ganhar pontos extras na disciplina e alguns alunos entendem que o Facebook é uma oportunidade de interagir com os professores e colegas, contribuindo assim para a discussão dos conteúdos estudados em sala. Os dados da tabela demonstram que, segundo os alunos, o Facebook pode ser um grande aliado na sua vida escolar.

4.8 Pontos positivos e negativos do uso do Facebook

Ao serem questionados sobre quais seriam os pontos positivos do uso do Facebook na disciplina de Sociologia, os alunos destacaram que o uso do Facebook contribui para que haja maior interação entre a professora e os alunos, além do que ajuda a aprofundar os conhecimentos diminuindo os prejuízos causados pela carga horária reduzida; torna a aprendizagem mais divertida e flexível e contribui para que os alunos exponham suas opiniões. Em relação aos aspectos negativos, os alunos ressaltaram a impossibilidade de alguns alunos terem acesso a internet, principalmente os alunos que moram na zona rural e a dificuldade de concentração, tendo em vista os vários atrativos que a rede oferece.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo foi possível constatar, a partir do objetivo da pesquisa, que consiste em discutir sobre a presença da rede social Facebook no cotidiano dos alunos e sua utilização como ferramenta inovadora de aprendizagem que possibilite a construção de um pensamento crítico, a importância dessa ferramenta para o alunado. Porém é importante percebermos que a inclusão tecnológica ainda é algo distante de uma pequena parcela do alunado. Levando em consideração que essa parcela excluída tem como ponto em comum morar na zona rural, faz-se necessário repensar como a escola pode ser agenciadora do processo de inclusão, a fim de que possamos democratizar os recursos tecnológicos.

A partir da problemática da pesquisa que procurou questionar sobre como a ferramenta Facebook pode contribuir, nas aulas de Sociologia para uma discussão crítica de temas sociais, pode-se perceber nas respostas dos alunos que essa ferramenta tem um papel significativo na aprendizagem, porque possibilita a complementaridade das aulas, funcionando para fixação dos conteúdos e meio de interação. Uma pequena parcela dos alunos, porém, acha desnecessário usar o Facebook como recurso pedagógico. Sabemos que essa visão é resultado de um modelo de escolarização pautada numa prática conteudista em que o aluno é um mero receptor e as práticas pedagógicas colaborativas não encontram espaço no ambiente escolar.

Ao analisarmos sobre a participação dos alunos no grupo “Aula de Sociologia” constatamos que embora a maioria dos alunos questionados considere o Facebook como uma ferramenta de interação, prefere participar apenas “curtindo” não querendo expor suas opiniões, o que mostra certa contradição. Assim, ao pesquisar sobre o uso do Facebook para discussões de temas sociais, se destaca nossa contribuição ao campo de estudos sobre a relevância das redes sociais como meio de interação, conhecimento e discussão crítica sobre diversos assuntos, assim como os processos de exclusões.

Acreditamos que esses resultados não esgotam a investigação sobre o caso. Portanto, faz-se necessário que sejam feitas mais pesquisas empíricas e investigativas que procurem explorar a eficácia de novas ferramentas tecnológicas para a construção e o avanço de uma aprendizagem significativa. Esperamos também que essa pesquisa possa proporcionar aos professores uma reflexão sobre o fazer pedagógico e a necessidade de se incluir nesse

processo que coaduna tecnologia e educação, além de contribuir para uma visão mais sensível em relação aos alunos que se encontram numa situação de exclusão tecnológica.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Zenaide; CARRANO, Paulo; CORREA, Licinia Maria; DAYRELL; Juarez; NONATO, Symaira Poliana; OLIVEIRA, Igor Thiago Moreira. O jovem como sujeito do ensino médio. In: BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do Ensino Médio**. Etapa I – Caderno II. Curitiba: UFPR/ Setor de Educação, 2013.

AMANTE, Lúcia. Facebook e Novas sociabilidades: contributos da investigação. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (organizadoras). **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. – Campina Grande: EDUEPB, 2014.

ARAÚJO, Rosana Sarita de. Contribuições da Metodologia Webquest no Processo de Letramento dos Alunos nas, Séries Iniciais do Ensino Fundamental. In: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (org). **Vivências com aprendizagem na internet** – Maceió: EDUFAL, 2005. 176p. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=c21XfpbzgSwC&pg=PA47&dq=o+chat+da+internet&hl=ptBR&sa=X&ei=sEk1VNT5EIGrggTAjILwDA&ved=0CDQQ6AEwAA#v=onepage&q=o%20chat%20da%20internet&f=false>. Acessado em 08.10.2014.

AZEVÊDO, Alex Aquino. **Uma contribuição ao uso do Facebook como ferramenta de auxílio à aprendizagem**. Rio Tinto: [s.n.], 2012. 50f.: il. – Orientador: Alisson Vasconcelos de Brito – UFPB/CCAE. (Monografia Graduação).

CARRANO, Paulo. Identidades Culturais Juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: BÉLENS, Jussara Natália Moreira; LIMA Silvânia Karla de Farias; MEDEIROS, Terezinha de Jesus; MONTEIRO, José Marciano; RASIA, Adalgisa (Org.). **Sujeito, Cultura e Contemporaneidade**. Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. SEE/PB- UEPB, Gráfica União, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2003. Disponível em http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/108596/mod_resource/content/2/A-Galaxia-da-Internet-Manuel-Castells.pdf. Acessado em 07.07.2014.

COSTA. Maria Cristina Castilho. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. 3. Ed. São Paulo: Moderna, 2005.

COUTO, Edvaldo Souza. Pedagogias das Conexões. Compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (organizadoras). **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

DANNEMANN, Angela Cristina. O desafio do uso da tecnologia na prática da sala de aula. In: BRASIL, Núcleo de informações e Coordenação do ponto. **TIC Educação 2012: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras**. São Paulo: Comitê Gestor no Brasil, 2013.

FONSECA, Cristina Mara França Pinto. A resignificação da prática pedagógica através das TICs. In: **Revista digital FAPAM**. Disponível em <http://www.fapam.edu.br/revista/volume3/1%20Cristina%20-%201%20a%203.pdf>. Acessado em: 01 de Fevereiro de 2014.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v35, n° 3, p. 20-29- Mai/Jun. 1995. Disponível em: http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/disciplinas/392_pesquisa_qualitativa_godoy2.pdf. Acessado em 01.11.2014.

GRINSPUN, Mírian P. S. Zippin. Educação tecnológica - ainda em busca de um desafio. In: CARDOSO, Tereza Fachada Levy; NEVES, Antonio Maurício Castanheira das; RODRIGUES, Anna Maria Moog; GRINSPUN, Mírian P. S. Zippin (org.). **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. – 3. Ed. rev. e ampl. – São Paulo: Cortez, 2009.

HILU, Luciane; OLIVEIRA, Rosângela Gonçalves de; RODERO, Renata. **Possibilidades do uso pedagógico das redes sociais: estudo de caso**. Disponível em http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4349_3039.pdf. Acessado em: 05 de Fevereiro de 2014.

JUNUÁRIO, Susana; MOREIRA, José António. Redes sociais e educação: reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (organizadoras). **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. – Campina Grande: EDUEPB, 2014.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010. Disponível em: <http://www.pgcl.uenf.br/2013/download/livrode Metodologia da pesquisa 2010.pdf>. Acessado em 01.11.2014.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007. - (Coleção Papirus Educação)

_____. Novas tecnologias na educação presencial e a distância I. In: BARBOSA, Raquel Lazarrí Leite. **Formação de educadores: desafios e perspectivas** – São Paulo: Editora: UNESP, 2003.

LEMOS, Silvana. Nativos digitais x aprendizagens: um desafio para a escola. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 35, n.3, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.senac.br/BTS/353/artigo-04.pdf>. Acessado em 06. 10 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999

LIMA, Luiz Claudeivan Cruz. **Análise das práticas docentes de planejamento e mediação em redes sociais no ensino médio**. Recife: O Autor, 2011. Dissertação – (mestrado profissional) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco. CLN, Ciência da Computação, 2011. Disponível em: http://repositorio.ufpe.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2724/arquivo6830_1.pdf?sequence=1. Acessado em 08.08.2014.

MERCADO, Luís Paulo Leolpoldo. Formação docente e novas tecnologias. In: MERCADO, Luís Paulo Leolpoldo (org) **Novas Tecnologias na Educação**: reflexões sobre a prática- Maceió: EDUFAL, 2002.

NASCIMENTO, Anna Christina Theodora Aun de Azevado. A integração das tecnologias às práticas escolares. In: BRASIL, Núcleo de informações e Coordenação do ponto. **TIC Educação 2012**: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras. São Paulo: Comitê Gestor no Brasil, 2013.

NEVES, Maria Aparecida Campos Mamede; SEGENREICH Stella Cecília Duarte. Tecnologia digital na educação: contribuição da EAD para a formação de professores. In: GRINSPUN, Mírian P. S. Zippin(org.). **Educação Tecnológica**: desafios e perspectivas. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2009.

PINHO, Wagner Leandro Pereira. Cibercidades, ciberespaços e as relações sociais de lazer. In: COSTA, Antonio Albuquerque da; NETO, Faustino Moura; SILVA, Iolanda Barbosa da, SANTOS, Maria do Socorro Tomaz Palitó. **Mídia, Cultura e Imaginário Urbano**. Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares. SEE/PB – UEPB. Campina Grande: Gráfica União, 2013.

QUARESMA, Alexandre. Consciência Coletiva. In: **Revista Sociologia**. Ano V – Edição 54. Setembro/Outubro/2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura) 191 p. Disponível em: <http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wpcontent/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>- Acessado em 07.07. Acesso em: 08.08.2014.

SATHLER, Luciano. **A escola num mundo saturado de informação**. Mundo Jovem. Ano 48, nº 410, Setembro 2010. Impressão: EPECÊ

SERAFIM, Maria Lúcia; SOUSA, Robson Pequeno de. Multimídia na Educação: o vídeo digital integrado ao contexto escolar. In: SOUSA, Robson P. de. Sousa; MOITA, Filomena da M. C. da S.C. da; CARVALHO, Ana Beatriz G (organizadores). **Tecnologias Digitais na Educação** – Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/renatadesousa33/tecnologias-digitais-na-educao-27749812>. Acessado em 08.07.2014. Acesso em: 08.08.2014

SELWN, Neil. As “novas” conectividades da educação digital. In: APPLE, Michael W.; BALL Stephen J.; GANDIN Luíz Armando(org). **Sociologia da Educação**: Análise internacional. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=2q_YAwAAQBAJ&pg=PA112&dq=o+uso+da+internet+na+disciplina+de+sociologia&hl=pt-BR&sa=X&ei=nOcQVMK1Bs3lsASCroDgDQ&ved=0CCIQ6AEwAQ#v=onepage&q=o%20uso%20da%20internet%20na%20disciplina%20de%20sociologia&f=false- Acessado em 10.09.2014.

SIBILIA, Paula. **Redes ou Paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

VAGULA, Edilaine. Redes sociais e colaboração: o uso do Facebook como ferramenta de aprendizagem no parfor. X ANPED SUL, Florianópolis. Outubro de 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1346-0.pdf. Acessado em 30.10.2014. Acesso em: 10.09.2014

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário I

Questionário: Alunos do 1º ano do Ensino Médio – 2013 e 2014.

1. Idade: _____

2. Sexo: _____

3. Você tem conta no Facebook

Sim () Não ()

Caso a resposta seja negativa, justifique:

4. Você considera importante a utilização do Facebook pelo professor como instrumento de interação?

Sim () Não ()

5. Quantas vezes por dia você utiliza o Facebook?

1 a 3 Vezes () 4 a 6 () 7 a 10 () Mais de 10 vezes ()

6. Você utiliza o Facebook com quais motivações?

7. Você participa do grupo no Facebook da disciplina de sociologia?

() sim () não

8. O Que você acha do uso do Facebook como recurso pedagógico da disciplina de sociologia?

Importante como complemento do que é visto em sala de aula ()

Não acredito que seja necessário, pois o que é visto em sala de aula é suficiente ()

Participo, pois é uma forma de conseguir pontos extras na disciplina ()

É importante, pois interajo com o professor e outros colegas sobre conteúdos da disciplina()

9. Na sua opinião quais os pontos positivos e negativos do uso do Facebook na disciplina de sociologia?

Positivos: _____

Negativos: _____

10- Quando você acessa o Facebook do grupo você costuma:

Apenas curtir o conteúdo ()

Curtir e comentar ()